

Editorial

O CULTO À MORTE

Armado com uma AR-15, que tem capacidade para ferir várias pessoas em alguns segundos, um cidadão norte-americano matou 50 frequentadores de uma boate gay, em Orlando, nos Estados Unidos, e feriu outros 53, a maioria hispânicos, na madrugada de domingo.

Foi o maior massacre já ocorrido nos EUA tendo por autor um só atirador. Filho de imigrantes afegãos, Omar Mateen, 29, tinha ódio a homossexuais e antes do atentado declarou lealdade ao Estado Islâmico, que imediatamente reivindicou a responsabilidade do ataque.

Os norte-americanos estão em guerra contra o EI, que vem perdendo posições na Síria e no Iraque. No entanto, não parece haver uma relação direta entre os dois, a não ser a atração exercida pelo grupo terrorista. Em todo o mundo, islâmicos estão entre esses simpatizantes.

É a primeira vez que o radicalismo islâmico se manifesta contra os homossexuais, embora estes sejam perseguidos nos países muçulmanos. O pai do agressor nega que a religião tenha sido o motivo do ataque, mas diz que os homossexuais receberão a justiça divina.

Muçulmanos radicais consideram o Ocidente decadente do ponto de vista moral e pretendem combater o pecado eliminando os pecadores. Junho, nos EUA e em outros países, é o mês do Orgulho Gay. Se o atirador, além disso, teve um objetivo político, ele agiu só.

A possibilidade de obter licença para adquirir armas facilitou seu “trabalho”. A compra de grande quantidade de munição já denota uma disposição ameaçadora. No entanto, nada disso é considerado pelas autoridades do país, que detém o recorde de armas per capita.

Islâmicos e armas vão mexer fatalmente nas eleições americanas. Trump faz um discurso contra os imigrantes e explora o fato de que previu um ataque. Com Obama, Hillary é coagida a tomar uma posição, quando o que interessa combater realmente é a cultura das armas.

O terrorismo ajuda a eleger Trump, e este ajuda a alimentar a loucura assassina.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR Vittorio Medioli
PRESIDENTE Laura Medioli
VICE-PRESIDENTE Marina Medioli
DIRETOR EXECUTIVO Heron Guimarães

GERENTE COMERCIAL
Alessandra Soares

GERENTE DE TECNOLOGIA
Fábio A. Santos

GERENTE INDUSTRIAL
Guilherme Reis

GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO
Walmir Prado

GERENTE DE MARKETING
Monique Araki

GERENTE DE CIRCULAÇÃO
Isabel Santos

EDITORA EXECUTIVA
Lúcia Castro

SECRETÁRIA DE REDAÇÃO
Michele Borges da Costa

ADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO
Murilo Rocha

CHEFE DE REPORTAGEM
Renata Nunes

EDITORES

Opinião: Victor de Almeida
Economia: Karlon Aredes
Magazine: Silvana Mascagna
Brasil/Mundo/Interessa: Aline Reskalla
Política: Ricardo Corrêa
Esportes: Denner Taylor
Cidades: Marina Schettini
Primeira: Frederico Duboc
Fotografia: Rejane Araújo

O.PINIÃO

Duke



www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

Proteção à saúde e à vida das mulheres como direito

Há uma indústria do aborto às custas da ilegalidade

Sempre que os serviços de saúde são atacados em nome da restrição de aportes financeiros, esquecem que nós, as mulheres, somos pouco mais da metade do povo brasileiro.

Governos de espectro conservador focam apenas o que santifica a mulher nos discursos: gerar a vida. O que acontece no percurso, abortos espontâneos ou voluntários, não conta, embora saibam que aqui as maiores vítimas são as mais despossuídas, no caso as pobres, mas entre as pobres, as jovens e as negras.

Há uma indústria do aborto às custas da ilegalidade. Há um caráter de classe do aborto no Brasil. O abortamento é um procedimento seguro em mãos habilitadas, que, nos países onde é criminalizado, só é acessível a quem pode pagar por ele. Logo, uma sociedade que nega a suas cidadãs o acesso ao aborto seguro é cruel.

Em 2005, publiquei pela Mazza Edições o romance “A Hora do Ângelus”, que aborda “amores, abortos e abandonos nos subterrâneos da Igreja”, do qual transcreverei alguns fragmentos.

“Ele riu e perguntou se eu abortara alguma vez.

“Não, nenhuma. Também nunca precisei. E, depois, uma mulher só opta por abortar diante de necessidades especiais, como, por exemplo, quando não tem como criar o filho; como não suportar o peso da vergonha de uma gravidez sozinha diante de familiares e do seu meio social; ou quando uma gravidez é indesejada por muitos outros motivos. Tem sido assim em todas as sociedades. Hoje, há outras questões postas, como, por exemplo, inviabilidade fetal comprovada, e o ônus de deixar vir

ao mundo uma criança com doenças graves e incapacitantes para a vida autônoma para as quais a sociedade e o Estado lavam as mãos”.

“Mas como é para um homem exigir que uma mulher aborte?” – indaguei.

“O aborto para mim é um tema de autodeterminação das mulheres. Quando tive de lidar com o aborto do ponto de vista pessoal, era numa época em que provocar um aborto era quase sinônimo de morte, nem sequer havia antibióticos. Foi em 1940. Não havia ainda a penicilina. As mulheres dependiam da habilidade da partei-

Nos países onde é criminalizado, só é acessível a quem pode pagar por ele, logo uma sociedade que nega a suas cidadãs o acesso ao aborto seguro é cruel

ra, muito mais do que de conhecimentos médicos (...). Ela em minha vida e o meu amor por ela são comparáveis a um acidente, já que meu plano era outro. Naquela época eu entendia que acidentes são acidentes, nada mais que acidentes, portanto devem ser tratados como tal”.

“(...) Não há o pecado do aborto. Aí é que está a diferença. Nem sempre foi como hoje, na história da Igreja, a opinião sobre o aborto. Há muita literatura sobre isso. Essa opção da Igreja de lutar contra o aborto é inútil, na medida em que ela luta mesmo é para que as mulheres não tenham acesso ao aborto seguro. O problema para a Igreja não são os abortos, mas os leitos obstétricos para o aborto,

pois a simples existência deles, em qualquer lugar, desmoraliza a sua posição contrária...

“(...) Essa batalha contra o aborto ela já perdeu, mas só se dará conta disso quando perder a dos leitos obstétricos para o aborto também. É preciso e é tão importante quanto a luta pelas leis sobre direito ao aborto preparar caminhos para a definição de leitos obstétricos para o aborto, ainda que indiretamente.

“Você me entende? O aborto, nos tempos atuais, assim como a gravidez, e especialmente uma gravidez indesejada, não pode mais ter esse poder de antigamente de mudar projetos e cursos de vida contra a vontade das pessoas. O poder até de destruir a vida de mulheres e de homens. Aceitar que assim seja é se portar contra o projeto civilizatório dos tempos atuais”.

Eis por que a resistência no combate às trevas hoje no Brasil deve ser feita nos Estados.

DUKE

